

A relação entre comportamento social em adolescentes e música: uma revisão sistemática

The relationship between social behavior in adolescents and music: a systematic review

Alicia Lana Mesquita Silva¹ , Mirella Hipólito Moreira de Anchieta^{2,3} , Mara Aguiar Ferreira³ , Ilana Camurça Landim Tavares³ 

1. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil. 2. Membro do Departamento Clínico do Corpo Freudiano, da Escola de Psicanálise em Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil. 3. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil.

Resumo

Objetivo: analisar como a música influencia no comportamento social do adolescente, além dos fatores que permeiam a adolescência. **Método:** foi realizada, durante o primeiro semestre de 2019, uma revisão sistemática nas bases de dados BVS-SI, PubMed e PsycINFO, sendo utilizados artigos publicados na íntegra em português, espanhol e inglês nos últimos cinco anos (janeiro de 2014 a julho de 2019). **Resultados:** foram apontados estudos que contemplem definição de gostos por meio do processamento da música e empatia pelas áreas límbicas e frontais do cérebro, formação de uma nova identidade por meio da música, tanto subjetiva, quanto em grupo, novas interpretações da cultura por meio das letras e dos grupos de amigos e engajamento em atividades artísticas. **Conclusão:** embora os estudos mostrem dados de pesquisa consistentes e que possuem relação entre si, ressalta-se a necessidade de realizar mais estudos com a temática.

Palavras-chave: Música. Adolescência. Comportamento Social.

Abstract

Objective: analyze how music influences this social behavior of adolescents, in addition to the factors that permeate adolescence. **Method:** A systematic review of the BVS-SI, PubMed and PsycINFO databases was performed during the first half of 2019, using articles published in full in Portuguese, Spanish and English in the last five years (January 2014 to July 2019). **Results:** Studies were pointed out that include the definition of tastes through the processing of music and empathy for the limbic and frontal areas of the brain, formation of a new identity through music, both subjective and in groups, new interpretations of culture through lyrics and groups of friends and engagement in artistic activities. **Conclusion:** Although the studies show consistent research data that are related to each other, it is emphasized the need for further studies on the subject.

Keywords: Music. Adolescence. Social Behavior.

INTRODUÇÃO

A adolescência foi uma temática discutida, historicamente, por diversos autores (e.g. Erickson, Aberastury e Knobel, Bock, Ariès). Pode ser entendida como fase de preparação para o ingresso no mercado de trabalho, etapa biológica e transitória entre infância e vida adulta, tempo de acesso à profissão e/ou dimensão demarcada por uma construção social^{1,2,3,4}.

Uma das concepções mais difundidas na área é a de “adolescência normal”. “Adolescência normal” é uma terminologia utilizada para classificar o comportamento social de adolescentes, distanciando-se de concepções meramente biológicas. Trata-se de uma fase do desenvolvimento marcada por mudanças físicas e inevitáveis crises emocionais. Entre os “sintomas” da chamada Síndrome da Adolescência Normal, apresentada pelos autores, encontram-se variações de humor, prevalecendo a euforia, evolução sexual manifesta, crises religiosas, busca por uma identidade própria, separação progressiva dos pais (mais discutida à frente) e vivências de lutos referentes à infância⁵, características estudadas, atualmente, por Bravo (2015)⁶, Lima

e Dias (2014)⁷ e Matos e Lemgruber (2017)⁸. De acordo com os referidos autores, nesse período, os adolescentes se identificam entre si, pois os amigos, geralmente, compreendem melhor visões de mundo e experiências vividas quando comparados aos pais, fazendo surgir a disposição para seguir as regras do grupo, tendo estilo de roupas, discursos e estilos musicais semelhantes. Tudo isso por uma busca por uniformidade, mas, concomitantemente, por diferenciação de adultos⁹.

Essa fase é um período de descobertas e questionamentos dos valores e das normas da família, facilitando a adesão às regras de amigos e grupos. Adota-se o pensamento winnicottiano de que, nessa etapa da vida, o jovem busca adaptar-se à realidade, visto que seu sentimento é de irrealidade; portanto, precisa de um ambiente firme e seguro para desenvolver-se, encontrado nas amizades⁸.

A relevância da música na adolescência pode estar associada à formação de grupos, uma vez que o processo de encontrar o

Correspondente: Alicia Lana Mesquita Silva. Curso de Psicologia do Centro Universitário Christus, Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: alicialans.as@gmail.com

Conflito de interesse: Não há conflito de interesse por parte de qualquer um dos autores.

Recebido em: 04 Set 2019; Revisado em: 25 Out 2019; 11 Nov 2019; 26 Nov 2019; Aceito em: 27 Nov 2019

2 Comportamento social em adolescentes e a música

grupo de amigos é embasado nas atitudes que mais se ajustam às mudanças subjetivas e comportamentais do jovem nessa época⁵. Esse momento é crucial por causa de elementos socioculturais, que implicam, definitivamente, as manifestações do adolescer, e psicobiológicas, as quais ajudam a definir o self, partindo de mudanças nesses dois componentes. Tais transformações têm poderosa interferência de cantores e mídias, e, de maneira geral, da cultura¹⁰. Nesse sentido, observa-se, pelas ideias citadas por teóricos do desenvolvimento, que a música pode representar um instrumento de aproximação entre amigos na medida em que podem ser compartilhadas, por meio dela, experiências culturais, pessoais, crenças e noções identitárias.

Em se tratando do biológico e psiconeurológico, o sistema límbico, amígdala, hipotálamo e funções cerebrais estão ligadas à sociabilidade, personalidade, emoções e identidade¹¹. Já a cultura atua na reconstrução das crenças e dos valores do adolescente, além de estar ligada à linguagem, pois é pela fala que a visão do mundo externo e interno dos jovens é transformada¹⁰. Portanto, sua subjetividade pode perder as características infantis, denominado como luto da identidade infantil⁵. A música é relevante, pois se demonstra que tais reestruturações, em nível cerebral, podem ser feitas por meio das letras e melodias das canções, ajudando a compreender os pensamentos novos e os sentimentos conflituosos da idade em consonância com outras características da Adolescência Normal, como a necessidade de intelectualizar e fantasiar, sendo uma fuga no mundo interior funcionando como reajuste emocional^{11,5}.

Como consequência, a identidade procura a sensação de fazer parte de um coletivo, no qual os indivíduos precisam de rede de apoio e companhia de outros que não sejam os pais¹². Desse modo, a identidade está associada à música por possuir letras que se encaixem em certo tipo de tribo, que compartilhe os ideais dela e ajude no sentimento de pertencimento¹⁰.

Junto a isso, em uma pesquisa cujo foco é a comunidade LGBT, pontua-se que uma das possibilidades de produzir a identidade é por meio de representações e signos para representar a si e ao mundo, sendo a música uma delas. Portanto, representações são subjetivas e atreladas a significados, levando ou não à identificação. Segundo os autores, ao ver artistas LGBT na mídia, principalmente no ramo musical, o indivíduo se identifica com essa representatividade, formando sua identidade cultural como parte do grupo¹³.

O adolescente, desse modo, busca a identidade por meio de situações mais favoráveis no momento. Essa atitude geralmente causa o processo de dupla identificação em massa, em que todos do grupo se identificam uns com os outros. Por causa disso, a identidade, anteriormente formulada dentro do meio familiar, torna-se semelhante à dos amigos⁵. A música costuma ser a base das conhecidas tribos e até de relacionamentos amorosos, sendo importante para formar o pensamento em grupo e subjetivo do indivíduo nesse processo¹⁰. Erikson (1972)¹⁴ ainda explica, sobre identidade, que, na adolescência, o processo de identificação leva a um julgamento de si e dos

outros, como parte da diferenciação entre o que gosta e o que não gosta. Isso é decorrente da separação do processo de subjetivação dependente dos pais⁵.

Como demonstrado em um estudo com dez adolescentes de ambos os sexos, o incentivo a adentrar o mundo da música em comunidades em situação precária traz transformações no meio social dos jovens, os quais se veem marginalizados da sociedade. Porém, encontram um meio de inclusão e de expressão ao aprenderem a tocar instrumentos e ritmos musicais. Além disso, essa prática é vista, positivamente, em diversos aspectos, sendo fundamental no desenvolvimento e na mudança de atitudes desses adolescentes, oferecendo-lhes novas perspectivas de futuro¹⁵.

No entanto, poucas pesquisas foram achadas, especificamente, sobre o tema música e sua influência no comportamento grupal do adolescente^{13,11,10}. Desse modo, faz-se necessário desenvolver mais estudos sobre essa relação, a fim de trazer mais compreensão sobre o comportamento, a formação da identidade, de grupos e subjetivação, advindos da ligação do jovem com a musicalidade. Em decorrência disso, almeja-se, com este estudo, analisar como a música influencia no comportamento social de adolescentes.

Este estudo tem como objetivos analisar como a música influencia no comportamento social do adolescente, além dos fatores sociais que influenciam a adolescência. Entende-se por fatores sociais, neste estudo, elementos que se relacionam com os aspectos anteriormente citados, como cultura, meio grupal em que estão inseridos, relações parentais etc. Também visa avaliar quais as estruturas do cérebro que são afetadas pela música, articulando com a importância da musicalidade nessa fase do desenvolvimento.

MÉTODOS

O presente estudo trata de uma revisão sistemática qualitativa de artigos sobre o comportamento social em adolescentes, possuindo ligação com a música em bases de dados eletrônicos escolhidos previamente. Descreve-se revisão sistemática como a revisão de pergunta estabelecida de forma clara e objetiva, a qual se utiliza de métodos sistemáticos e explícitos para identificar, eleger e avaliar, de modo crítico, pesquisas relevantes, além de coletar e analisar achados dessas pesquisas que farão parte da revisão. Defende-se que esse tipo de pesquisa tem seu valor dependente do que foi feito, descoberto e da clareza do relato¹⁶.

Os passos seguidos nesta pesquisa incluem identificar registros por meio de pesquisas em bancos de dados, com base nos critérios de inclusão. Após esse processo, com o uso do Excel, registraram-se os artigos encontrados, eliminando os que estavam duplicados em seguida. Posteriormente, excluíram-se, também, os que se encaixavam nos critérios de exclusão, sobrando artigos de textos completos avaliados para elegibilidade.

Material

O material selecionado para o presente estudo consiste em artigos cujas finalidades são de avaliar, aprofundar, analisar e correlacionar o processo da formação de grupos na adolescência e sua ligação com a música. Como fonte de análise, foram utilizados artigos publicados na íntegra em português, espanhol e inglês nos últimos cinco anos (2014 a 2019), nas bases de dados PubMed, BVS-SI e PsycINFO. As bases de dados foram definidas devido ao enfoque teórico e metodológico da relação entre música e comportamento social do adolescente, alvo desta pesquisa, e o tempo de publicação das pesquisas foi estabelecido devido ao método desta revisão, privilegiando estudos atuais.

Procedimento de coleta e seleção dos estudos

A busca ocorreu por meio dos seguintes descritores: (1) “adolescence”* AND (2) “music” AND (3) “social behavior”. O recurso do asterisco (*), após a palavra adolescence, permitiu encontrar artigos que tratassem de categorias como desenvolvimento de habilidades sociais em jovens, formação da identidade na adolescência, formação de grupos, entre outros. Os critérios de elegibilidade dos artigos foram: (1) apresentação da relação entre comportamento de formação de grupos na adolescência e música, (2) definição de faixa etária da adolescência como sendo entre 10 e 18 anos de idade, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), (3) inclusão de fatores sociais e/ ou neurológicas que influenciam o processo da adolescência, (4) disposição de artigos entre 2014 e 2019 e (5) publicação em idiomas português, espanhol e inglês.

Desse modo, ao realizar a busca e tendo os critérios referidos como análise, foram recuperados 26 artigos no BVS-SI, 22 artigos no PsycINFO, e 92 artigos no PubMed, totalizando o número de oitenta e dois artigos. Todos esses artigos (N= 140) foram exportados para uma planilha de Excel. Foram encontrados 36 artigos duplicados, resultantes em mais de uma base de dados, os quais foram excluídos.

Os artigos remanescentes (N= 104) tiveram seus resumos lidos, avaliados e submetidos a um novo filtro de seleção, cujos critérios de exclusão envolvem (1) artigos que não estão disponíveis na íntegra, (2) não aludem ao aspecto social da adolescência (e.g.: contexto de vida do adolescente e/ ou fatores socioeconômicos), (3) não incluem limites de faixa etária de acordo com os parâmetros da OMS, (4) abordam estudos de intervenção (e.g., musicoterapia em adolescentes com TEA), (5) referem-se a estudos que não sejam da área da psicologia e (6) não possuem relação entre adolescência e música.

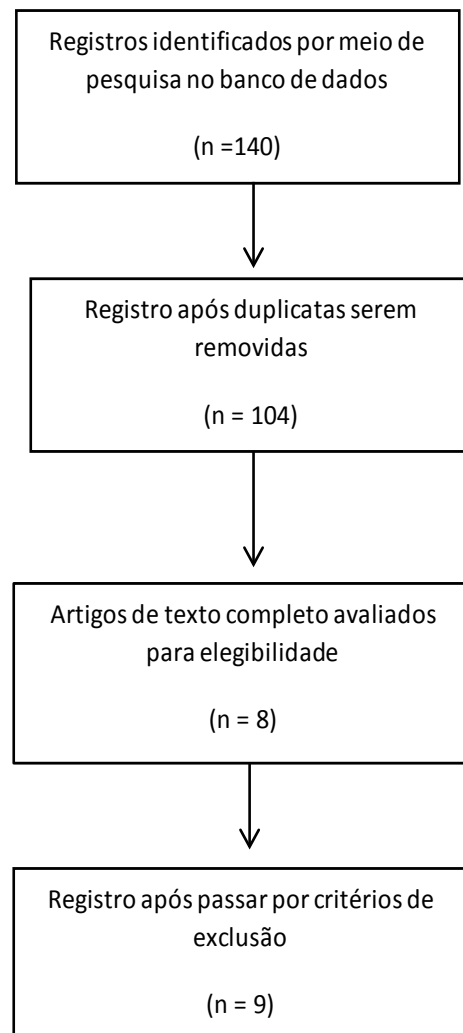
Portanto, foram excluídos 96 artigos, como os que tratavam de terapia musical, correlação entre abuso de substâncias por jovens adultos em eventos musicais ou que não contemplavam os demais critérios de exclusão mencionados.

Os estudos selecionados (N=8) foram, desse modo, lidos na íntegra.

Procedimento de análise de dados

Buscando atender aos objetivos do estudo e propondo a identificação e a sistematização dos dados encontrados, foram apontadas as seguintes características de análise: (i) aspectos gerais da pesquisa; (ii) fatores neurológicos da adolescência; (iii) relação da música com as mudanças psicológicas e (iv) formação de grupos na adolescência. A primeira distinção auxiliará nas características gerais dos estudos (e.g.: ano e local de publicação, enfoque do estudo etc). Na segunda, serão analisadas as bases neurobiológicas encontradas nos estudos. A terceira categoria avalia o conteúdo citado pelos artigos, quando englobados englobados nos estudos da amostra (e.g.: como o adolescente reage ao ouvir música, de que maneira ele processa e internaliza letras e melodias, relações grupais). Por fim, a quarta categoria diz respeito à formação de grupos, à definição de um novo self e aos gostos diferentes dos da infância devido à união a um grupo de amigos em que todos buscam se identificar com todos.

Figura 1. Exposição visual das etapas de seleção do material para a revisão sistemática.



RESULTADOS

Aspectos gerais dos estudos

Conforme mencionado, a busca nas bases de dados PubMed, BVS-SI e PsycINFO apresentou o número inicial de 140 pesquisas; contudo, no final, tem-se uma amostra de oito artigos, entre os quais se encontram estudos de 2014 a 2019, publicados nos Estados Unidos, Reino Unido e Brasil. Tais artigos apresentam temáticas como conectividade social, definição de gostos por meio do processamento da música pelo cérebro^{17,20}, modificações na identidade e no modo de ver o mundo^{19,23}, comportamento social do jovem^{18,22}, e efeitos da música durante essa fase do desenvolvimento^{21,24}.

Os artigos envolvendo processamento musical pelo cérebro são, majoritariamente, estudos britânicos, datados entre 2014 e 2016^{17,20}. Observa-se, nesses estudos, que as áreas frontais, temporais e do sistema límbico influenciam na empatia. As autoras de um dessas pesquisas afirmam que o córtex pré-frontal, amígdala, sistema límbico e lobo parietal, de modo geral, são responsáveis por dois tipos de empatia, a emocional e a cognitiva, ambas importantes na socialização. Com isso, a percepção de expressões vocais de emoções, bem como o processamento de melodias estão intimamente ligados a esse sistema. Sua relação com a empatia seria a de que, quanto maior o nível de empatia emocional, melhor seria o processamento musical¹⁷.

Esse dado condiz com o outro estudo encontrado, o qual aduz que a intensidade de respostas físicas e emocionais à música está relacionada com as estruturas cerebrais responsáveis por recompensas sociais (e.g., comida ou uso de substâncias), por tomada de decisões e socialização. Nesta pesquisa, contendo 20 participantes, mostraram-se imagens neurológicas em que o hemisfério esquerdo é mais ativado durante a audição de uma música, havendo uma correlação significativa entre experimentar frequentemente reações físicas e a conectividade alta entre os dois lados do cérebro. Esse elemento demonstra relação entre áreas límbicas, de recompensa e empatia emocional, com importantes conexões entre os dois hemisférios^{17,20}.

Os estudos que tratam da mudança na identidade e na maneira de internalizar o mundo são de 2015 e 2018, um também publicado nos Estados Unidos e outro no Brasil^{19,23}. Encontram-se evidências na pesquisa norte-americana, apoiadas nos estudos de Freud que, embora o luto dos pais da infância funcione como um “choque de realidade” no adolescente, é importante reconhecer os pais como figuras que não detêm todo o conhecimento, são poderosos, entre outros; pois, assim, gera-se a capacidade de se separar dos objetos de identificações primários e buscar seu próprio espaço no mundo¹⁹.

Nesse estudo de caso, o autor observou que a figura paterna era, emocionalmente, ausente, visto que não queria enfrentar

a perda do filho como criança. O adolescente, então, passou a usar a música como objeto transferencial para sua angústia, de maneira não consciente. Com isso, identificou-se que ele formou uma nova identidade a partir da internalização das músicas ouvidas, melhorando suas relações com outras pessoas e permitindo uma superação da ambivalência emocional que sentia pelo pai¹⁹.

Na perspectiva do estudo feito no Brasil, a música possui um papel nas construções de gênero. Analisaram os discursos de adolescentes do sexo masculino que frequentavam festas de forró e encontraram categorias recorrentes nas letras de música desse ritmo, entre elas, desmoralização da vítima, banalização da violência contra a mulher, legitimação do estupro pelo álcool e desqualificação da recusa feminina.

As autoras observaram que esse estilo de música perpetua padrões culturais, infelizmente, negativos, internalizados pelos jovens. Nos discursos analisados, estereótipos desfavoráveis às mulheres são reforçados²³.

Acerca do comportamento social do jovem, viu-se, em seu estudo feito no Brasil, que ter gostos parecidos é um fator de ligação social, principalmente no que diz respeito à percepção do self e dos outros a seu redor. Uma amostra de 263 estudantes do Ensino Médio participou da referida pesquisa, gerando os resultados de que ter gostos semelhantes aproxima mais facilmente do que não ter, embora jovens com estilos musicais mais diferenciados ainda possam pertencer ao mesmo grupo¹⁸.

Isso condiz com a revisão sistemática de Zarobe e Bungay (2017)²², a qual indica que atividades artísticas, como cantar, dançar ou ouvir música em grupo contribuem para aumentar a autoestima, as habilidades sociais, o empoderamento e, conseqüentemente, expande o engajamento social. Sem isso, a adolescência se torna, tipicamente, conhecida por ser o início de doenças mentais levadas até à vida adulta. Os pesquisadores declaram que ter um meio de expressão, principalmente ligado à arte, favorece o desenvolvimento sadio.

Os efeitos da música nessa fase do desenvolvimento são abordados por um estudo norte-americano, dialogando com o estudo de Sachs et. al (2016)²⁰ à medida que fala sobre a internalização de uma música, a qual é relacionada com uma memória ou emoção. Junto a isso, os autores falam que o autoconceito depende desses elementos^{21,20}.

Ronson (2014)²⁴, em seu estudo também realizado nos Estados Unidos, indica que a música é um fator importante para que o adolescente reconheça suas emoções. Segundo a autora, o manejo dos sentimentos se torna possível, pois a música funciona como objeto projetivo do adolescente que ouve e se identifica com ela. A autora afirma que se torna mais fácil falar sobre as emoções, uma vez que elas são contextualizadas pelas obras.

Quadro 1. Mostra de autores, anos e achados nos artigos selecionados e lidos na íntegra, encontrados em bases de dados eletrônicos.

Autores	Ano de publicação	Dados Encontrados
Parkinson e Wheatley	2014	Tal empatia tem associação com vias que fornecem comunicação entre sistema límbico e regiões relacionadas à percepção, à ação e ao afeto.
Launay, Cohen e Dunbar	2015	Música tem efeitos positivos e significativos no limiar da dor e no grupo de ligação. Isso sugere que pode ser uma atividade efetiva de ligação em grupo.
Alfandary, R.	2015	O jovem usou a música como objeto transicional, de maneira inconsciente, dando sensação de esperança e ajuda nesse período.
Sachs, Ellis, Schlaug e Loui	2016	As áreas de processamento sensorial, emocional e sensorial explicam as diferenças individuais.
Sui, Ohrling e Humphreys	2016	A música altera o estado de humor, sendo uma “fuga da realidade”.
Zarobe e Bungay	2017	Existe apoio para o fornecimento de atividades artísticas estruturadas em grupo para ajudar a construir resiliência e contribuir para o bem-estar mental positivo de crianças e jovens.
Brilhante, Nations e Catrib	2018	Letras e performances do forró contribuem para que esses adolescentes estabeleçam uma relação de pertença com um contexto pautado pela violência contra a mulher.
Robinson	2014	O ritmo favorece a articulação de emoções e sentimentos, bem como facilita insights a partir da identificação com as letras.

DISCUSSÃO

Fatores neurológicos da adolescência

A empatia pode conter tendências inatas. Os dois tipos, emocional, a qual é a experiência de sentir as emoções do outro indivíduo, e, cognitiva, ou seja, o entendimento de forma assertiva do que o outro passa, são ativados por áreas distintas do cérebro. Conforme foi pesquisado pelas autoras, a emocional contribui com a percepção do ponto de vista do outro, fator essencial para a formação de grupo.

As regiões responsáveis pela empatia emocional envolvem os neurônios-espelho, os quais possuem função de reprodução de ações, expressões faciais e outras características. Isso pode explicar o porquê de os adolescentes de um mesmo grupo se vestirem de modos semelhantes, possuem o mesmo corte de cabelo, entre outros¹⁷.

Empatia, desse modo, é relacionada, também, com a amígdala, importante componente do sistema límbico, e córtex pré-frontal, os quais, portanto, modulam atividades da empatia emocional. Weathley e Parkinson (2014)¹⁷ afirmam que essas mesmas áreas cerebrais processam melodias, relacionando-as a um sentimento, ou seja, facilitando o processamento sensorial. Isso quer dizer, segundo Sachs et. al (2016)²⁰, que indivíduos mais abertos a novas experiências possuem maior afinidade com a música e expressam melhor suas emoções e, com isso, socializam melhor.

Sui et. al (2016)²¹ sugerem que, além das áreas sensoriais e emocionais, a memória também é importante ao ouvir uma

música. Isso porque, explicam os autores, estados emocionais afetam a cognição, o que inclui o processamento musical. Além disso, o autoconceito, ainda em formação na adolescência, também é influenciado, pois foi visto pelos pesquisadores que, se o humor do indivíduo estiver negativo, sua percepção de si é alterada.

Foi apontado por esses autores que, quando o estado emocional está prejudicado, presta-se mais atenção nas condições internas do indivíduo. A música seria, portanto, um estímulo externo que traria atenção para si, modulando o humor do jovem de acordo com a canção, geralmente de maneira positiva. Portanto, tais achados mostram que o processamento de emoções e música estão estritamente relacionados, incluindo, também, o de empatia. Esses três elementos, em conjunto, facilitam o desenvolvimento de círculos de amigos e habilidades relacionais. Assim, quanto melhor o processamento musical, mais empatia os sujeitos demonstram.

Relação da música com as mudanças psicológicas

Sugere-se que, durante a adolescência, há uma ambivalência de sentimentos, especialmente em relação aos pais. Em seu estudo de caso, o pai emocionalmente ausente era visto como um “objeto ruim”, o qual o sujeito estudado, de modo consciente, queria afastar. Inconscientemente, usando os pressupostos de Freud, o autor afirma que isso poderia vir em forma de sintoma no superego ou em forma de sublimação.

É esse processo de sublimação que faz que adolescentes se interessem por um tipo específico de música. É comparado o processo de identificação com músicas aos sonhos, ambos servindo como formas de inspiração e consolo, além de ser parte da maturação da identidade. Também são equivalentes no sentido de serem comunicações inconscientes que enriquecem o sentido da vida¹⁹.

Devido a esse consolo tido pela música, Alfandary (2015)¹⁹ indica que foi evitado um desgaste emocional maior, pois o adolescente em questão pôde procurar uma alternativa para depositar sua energia libidinal. Assim, foi possível integrar novos aspectos do seu “eu”, no lugar de buscar se espelhar na imagem já tida como ruim do pai.

Brilhante et al. (2018)²³ apontam que a música é uma catarse e resistência às condições de vulnerabilidade social no bairro em que seu estudo foi realizado. Contudo, o uso do álcool nas festas de forró em que as observações da pesquisa ocorreram é diferente entre os gêneros, de modo que simboliza uma abertura para liberar os impulsos agressivos do homem, bem como desqualifica a recusa da mulher durante uma festividade musical.

Neste artigo, as autoras encontram falas nas músicas de forró que são internalizadas pelos jovens, que passam a aderir ideologias eminentemente patriarcais perpetuadas pela maioria das músicas desse ritmo. O alívio cômico em certas letras, apontam elas, contribui para amenizar o assédio, muito banalizado nas canções. Isso acontece porque, segundo as pesquisadoras, noções culturais são transformadas em elementos de massa, veiculando insistentemente em ideologias. Com esse estudo, é possível perceber não apenas características positivas da música, mas como esta, em parceria com uma cultura que objetifica mulheres, pode ter conotação negativa.

Além dessas pesquisas, Ronson (2014)²⁴ fala sobre como o hip hop contribui com a identificação com as letras e, com isso, permite uma melhor articulação dos sentimentos. Foi visto pela autora que a música também facilita insights, uma vez que o ouvinte se encontra naquela música. Conforme visto, a música pode, então, ter caráter catártico e de expressão e regulação emocional. É de muita relevância, uma vez que uma das características da adolescência normal é a flutuação de humor.

O ambiente em que muitos adolescentes crescem é hostil e favorecem o surgimento de transtornos como depressão. As letras de certas músicas dão a sensação de amparo nesses lugares aversivos, sendo possível expressar os sentimentos por meio delas²⁴. Reitera-se que a música é uma forma de expressão; portanto, percebe-se que cabe em diversos contextos, como as de periferias ou comunidades LGBT, uma vez que, durante a adolescência, há o luto da bissexualidade infantil⁵ e um maior investimento libidinal no meio externo. Entende-se que ela pode favorecer uma melhor compreensão diante das normas e dos valores do mundo como também ser uma forma de

resistência diante de certas realidades.

Formação de grupos na adolescência e a dimensão da música

Jovens com estilos de músicas semelhantes possuem uma facilidade maior de conectividade social, diz o estudo de Tarr et al. (2015)¹⁸. Os autores apontam que isso pode envolver, inclusive, a neurotransmissão de endorfina, facilitando a atividade interpessoal.

O estudo não visa investigar esses efeitos incluindo gêneros; porém, foram encontradas diferenças entre as formas de socialização por meio da música entre homens e mulheres. Também foi notado, mesmo que a amostra seja de um grupo relativamente restrito, que a musicalidade contribui com a formação de relacionamentos com pessoas de outras culturas. Zarobe e Bungay (2017)²² atestam que tal ligação social é importante por ser uma ação adaptativa, devido à necessidade de sentimento de pertença. Eles destacam a importância de estimular atividades musicais, devido a discursos de políticas públicas que preconizam a medicalização e individualização na saúde mental dos jovens.

Desse modo, promover artes, por exemplo, em escolas mostrou-se essencial, visto que dão senso de inclusão, propósito e promovem fatores protetores da saúde mental, como resiliência, além de melhorar as habilidades sociais. Isso porque o envolvimento com a música e outras formas de expressão fornecem maneiras de aprender e explorar a si mesmo, além da oportunidade de conhecerem outros com pensamentos e histórias semelhantes. Junto a isso, os autores identificam que o trabalho em grupo envolve a habilidade individual de cada um para cooperar como parte de um todo, permitindo que todos tenham consciência de seus papéis e facilitando o sentimento de pertença^{18,22}.

Entretanto, Zarobe e Bungay (2017)²² ressaltam que, em um grupo maior, certos participantes se sentiram mais excluídos e tiveram prejuízos, por exemplo, na formação da sua imagem corporal, diante de outras pessoas do grupo.

CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar como a música influencia no comportamento social do adolescente. Com isso, foi possível constatar, nos artigos encontrados, que tanto o processamento de música quanto a empatia são relacionados às áreas límbicas e frontais do cérebro, definindo novos gostos musicais por meio desse processamento. Mostrou-se que esses elementos são importantes para a formação de grupos sociais e de uma nova identidade na adolescência, envolvendo mudanças internas a partir das novas interpretações de mundo. A literatura mostrou que isso se deve à separação parental com filhos adolescentes, formação de nova identidade e identificação com letras.

Embora os estudos mostrem dados consistentes e que possuem

relação entre si, ressalta-se a necessidade de se realizar mais pesquisas sobre esse tema, pois foram poucos os artigos encontrados que tratassem desse assunto. Pesquisas futuras devem ser feitas, envolvendo a internalização de aspectos

negativos da cultura por meio da música, o desempenho social em detrimento do isolamento por fones de ouvido, exclusão devido à preferência por certo ritmo e outros.

REFERÊNCIAS

- Ariès P. História Social da Criança e da Família. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC; 1981.
- Hall GS. Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education. New York: D. Appleton and Company; 1904. v.2.
- Avanzini G. O tempo da adolescência. Lisboa: Editorial Portático; 1980.
- Ozella S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In Contini MLJ, Koller SH (Org.) Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2002. p. 16-25.
- Aberastury A, Knobel M. Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed; 2011.
- Bravo MS. Aprender a dirigir aos 18 anos de idade: uma visão da psicologia nessa fase da adolescência. Bol. psicol [Internet]. 2015 Jul [acesso 2019 Nov 7]; 65(143): 143-147. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432015000200004.
- Lima LS, Dias HZJ. Saúde Mental e Violência na Adolescência: uma revisão de literatura acerca das implicações na saúde destes jovens. Babarói [Internet]. 2014 Jan-Jun [acesso 2019 Nov 07]; (40): 28-47. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2988>.
- Matos LP, Lemgruber KP. (2017). A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. Rev. Psicol Saúde e Debate [Internet]. 2017 Jan [acesso 2019 Nov 7]; 2(2): 124-145. Disponível em: <https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/40>. doi: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2N2A8>.
- Castro MGK. Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- Oliveira MCSL. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma análise crítica. Psicol. estud [Internet]. 2006 [acesso 2017 Nov 23]; 11(2): 427-436. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a2>. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>.
- Valente CM, Silva JC, Oliveira JD, Oliveira LS, Marcelino MCV, Pereira SS, et al. A Importância da música na aprendizagem e desenvolvimento sócio cultural da criança e do adolescente. São Paulo: UNESP; 2014 [acesso 2017 Nov 28]. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-musica-na-aprendizagem-e-desenvolvimento-socio-cultural-da-crianca-e-do-adolescente/125463>.
- Oliveira MCSL, Camilo AA, Assunção CV. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. Temas psicol. [Internet] 2003 Jun [2017 Nov 05]; 11(1): 61-75. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007.
- Monteiro GH, Silva NR. "Come on, Vogue!": Madonna e a construção da identidade LGBT através da representação simbólica na música pop. Temática. 2018 Jan; 14(1): 128-145.
- Erikson EH. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro: Zahar; 1972.
- Colle LC. A influência da música na construção da identidade dos adolescentes do Projeto Blakubutuki na cidade de Florianópolis [Trabalho de Conclusão de Curso]. Criciúma (SC): Universidade do Extremo Sul Catarinense; 2004.
- Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA. Epidemiol. Serv. Saúde. 2015 Abr-Jun [acesso 2019 Nov. 05]; 24(2): 335-342. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000200335.
- Parkinson C, Weatley T. Relating Anatomical and Social Connectivity: White Matter Microstructure Predicts Emotional Empathy. Cerebral Cortex [Internet]. 2014 Mar [acesso 2019 Maio 7]; 24(3): 614-625. Disponível em: <https://academic.oup.com/cercor/article/24/3/614/391313>.
- Tarr B, Launay J, Cohen E, Dunbar R. Synchrony and exertion during dance independently raise pain threshold and encourage social bonding. Biology Letters [Internet]. 2015 Oct [acesso 2019 Maio 07]; 11(10): 1-4. Disponível em: https://royalsocietypublishing.org/doi/full/10.1098/rsbl.2015.0767?url_ver=Z39.88-2003&rft_id=ori:rid:crossref.org&rft_dat=cr_pub%3dpubmed.
- Alfandary R. An Instance of Emotional Absence of a Father Traumatized by War-Clinical Material and Musical Illustration. The American J. Psycho [Internet]. 2015 [acesso 2019 Jun 03]; 69(1): 19-33. doi: <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2015.69.1.19>. Disponível em: https://psychotherapy.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/appi.psychotherapy.2015.69.1.19?url_ver=Z39.88-2003&rft_id=ori:rid:crossref.org&rft_dat=cr_pub%3dpubmed.
- Sachs ME, Ellis RJ, Schlaug G, Loui P. Brain connectivity reflects human aesthetic responses to music. Soc. Cognit Affec Neuroscience [Internet]. 2016 Jun [acesso 2019 Maio 07]; 11(6): 884-891. doi: <https://doi.org/10.1093/scan/nsw009>. Disponível em: <https://academic.oup.com/scan/article/11/6/884/2223400>.
- Sui J, Ohrling E, Humphreys GW. Negative mood disrupts self- and reward-biases in perceptual matching. Q J Exp Psychol [Internet]. 2016 [acesso 2019 Jun 03]; 69(7): 1438-1448. doi: 10.1080/17470218.2015.1122069. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6029665/>.
- Zarobe L, Bungay H. The role of arts activities in developing resilience and mental wellbeing in children and young people a rapid review of the literature. Persp Public Health. 2017 Jun 14 [2019 Maio 7]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1757913917712283>.
- Brilhante AVM, Nations MK, Catrib AMF. "Taca cachaça que ela libera": violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2018 Mar [acesso 2019 Maio 22]; 34(3): e00009317. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00009317>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000305010.
- Robinson, C. Dreams & nightmares: What hip-hop can teach us about Black youth. Washington: American Psychological Association; 2014 [acesso 2019 Maio 07]. Disponível em: <https://www.apa.org/pi/about/newsletter/2014/05/hip-hop>.

Como citar este artigo/How to cite this article:

Silva ALM, Anchieta MHM, Ferreira MA, Tavares ICL. A relação entre comportamento social em adolescentes e música: uma revisão sistemática. J Health Biol Sci. 2020; 8(1):1-7.